



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

## **SÍNDROME DE DOWN E LINGUAGEM: IMPLICAÇÕES NA CONSTRUÇÃO FRASAL**

Maristela Amaral Ribeiro

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: stelamarisemec@gmail.com

Carla Salati Almeida Ghirello-Pires

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: carlaghipires@hotmail.com

### **INTRODUÇÃO**

A linguagem é a competência intrínseca humana, de representar o pensamento através de um sistema simbólico, que é a língua. Esta pode ser, de forma ampla, entendida como um código padrão utilizado pelos indivíduos com o objetivo de comunicação, que representada pelo código linguístico, indica estruturas que podem ser divididas em áreas distintas, mas que se retroalimentam progressivamente. São dimensões constitutivas da linguagem: fonética-fonologia, sintaxe, semântica, morfologia e pragmática.

Todas essas dimensões possuem regras e características distintivas de cada língua. É um sistema complexo e que precisa ser adquirido pelas crianças durante o desenvolvimento da linguagem. Esse padrão de aquisição sofre alterações em alguns grupos com características específicas, como é o caso dos sujeitos com síndrome de Down (SD) que apresentam especificidades, a saber: atrasos cognitivos, lingüísticos, orgânicos e motor. Visto que, a (SD) é uma condição decorrente da trissomia do par cromossômico 21, não apresentando graus de acometimento e sendo irreversível por sua condição genética em virtude da alteração orgânica ocorrida na fase de desenvolvimento embrionário (STRATFORD, 1989). Pode apresentar-se de três formas: uma mais comum a Trissomia padrão 21; também por translocação, quando ocorre uma separação cromossômica mal sucedida seguida da meiose ou divisão das células; e mosaïcismo que “[...] é tomado como caso raro presente apenas em 2 ou 3 por cento da população identificada com a síndrome” (GHIRELLO-PIRES e LABIGALINI, 2010, p. 359).

Retomando as peculiaridades dos sujeitos com síndrome de Down, estes podem apresentar dificuldades na fala, como respeitar o turno de fala ou em manter uma





conversa com o interlocutor, efetivando a continuidade do discurso, que é formulado através de frases, com utilização de determinadas regras na ordenação de palavras e de sentido no que se quer dizer. Outra dificuldade presente na linguagem desses sujeitos é a seleção e combinação das palavras. Segundo Jakobson (1969);

[...] falar implica a seleção de certas entidades lingüísticas e sua combinação em entidades lingüísticas de mais alto grau de complexidade. Isto se evidencia imediatamente ao nível lexical, quem fala seleciona palavras e as combina em frases de acordo com o sistema sintático da língua que utiliza as frases; por sua vez, são combinadas em enunciados. [...] A fim de delimitar os dois modos de arranjo, que descrevemos como sendo a combinação e a seleção, F. Saussure estabeleceu que o primeiro “aparece in praesentia: baseia-se em dois ou vários termos igualmente presentes dentro de uma série efetiva”, enquanto que o segundo “une os termos in absentia como membros de uma série mnemônica virtual”. Isto quer dizer: a seleção (e, correlativamente a substituição) concerne às atividades associadas no código, mas não na mensagem dada, ao passo que, no caso de combinação, as entidades estão em ambos ou somente na mensagem efetiva. (op. Cit., p.37)

No que se refere aos sujeitos com SD, eles apresentam dificuldades em utilizar os dois eixos, mas acentuadamente o sintagmático (combinação), ficando mais predominante o eixo paradigmático (seleção), ainda assim, é notório a dificuldade em selecionar e combinar as palavras. Diante dessas dificuldades, elegemos como objetivo principal desse trabalho, discutir a construção frasal que tem como domínio a sintaxe de dois sujeitos com síndrome de Down (SD), ambos atendidos no LAPEN – Laboratório de Pesquisa e Estudos Neurolinguísticos. Sintaxe entendida aqui como um conjunto de regras que formam as frases em uma língua.

Nosso arcabouço teórico fundamenta-se nos pressupostos da teoria Histórica Cultural, considerando a partir de Vygotsky (1997), que a apropriação da cultura por parte da criança se dá pela significação. Dessa forma, ela precisa internalizar os significados do mundo para que possa relacionar-se com os outros e esse processo é realizado pela apropriação da linguagem, que é considerada a porta de entrada para o mundo cultural. Nesse contexto, o papel do mediador para o desenvolvimento da linguagem é imprescindível, pois é ele quem dará os modelos, dando possibilidade e oportunizando a internalização dos significados culturais do contexto em que vivem. No que diz respeito à intervenção, utilizaremos como aporte a neurolinguística discursiva (COUDRY 1996),





segundo a autora é por intermédio da interlocução, das práticas discursivas, que a ação do sujeito com e sobre a linguagem ocorre. É o contexto discursivo que possibilita o exercício da linguagem de maneira ativa, possibilitando ao sujeito a superação de suas dificuldades lingüísticas.

## METODOLOGIA

O *corpus* deste trabalho foi constituído por dois sujeitos: RL com 14 anos e JV com 19 anos. Os sujeitos são atendidos semanalmente no Laboratório de Pesquisa e Estudos Neurolinguísticos – LAPEN. As sessões foram videogravadas semanalmente com a duração de 60 minutos e analisadas a partir dos pressupostos da Neurolinguística Discursiva (ND) que segundo pondera Coudry (1986/88) a interlocução funciona intermediando a prática discursiva por meio da ação do sujeito na linguagem e sobre ela. Para obtenção dos resultados utilizamos histórias, músicas, canções, contos e fábulas conhecidas dos sujeitos, com vistas à organização das frases pelos sujeitos.

Assim, elegemos 04 frases: O sapo vive na lagoa; A pipoca pula na panela; No meu cofre tem dinheiro e Caio viajou de ônibus. Fizemos a segmentação/recorte destas frases em: substantivos, adjetivos, verbos, artigos, pronomes e conjunções, para que eles as reordenassem. Importante considerar que as frases foram extraídas de situações do cotidiano dos sujeitos, ou seja, histórias e/ou canções já trabalhadas com eles. Logo após o comando, os sujeitos da pesquisa deveriam organizar as frases, tendo em vista, o sentido comum destas histórias e canções. A partir daí, fizemos a leitura e a escrita destas frases tais como eles organizaram. Por fim, fizemos a intervenção a partir dos seguintes: Está correta? Leia a frase que você escreveu. Falamos assim? Está faltando alguma palavra? E se mudássemos essa palavra de posição? Vamos observar na história como essa frase está escrita? O que faltou? O que precisa mudar? Vamos fazer a correção? Após a mediação fizemos a reescrita das frases organizadas por eles.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados serão dispostos a seguir, ilustrando a produção escrita de cada participante. Abaixo de cada dado (foto), faremos a descrição do que foi proposto e de como os sujeitos organizaram suas respectivas frases. No primeiro momento, numa conversa informal falamos sobre a música do sapo e da pipoca, lemos os textos,



cantamos as canções, além de atividades, como: circular palavra, colagem, ditado, reordenação de frases. Todas as atividades propostas envolveram a letra da música do sapo e da pipoca. Após essa parte, seccionei duas frases no primeiro momento pedi que fizessem a ordenação sintática das frases, após a construção individual, solicitei que fizessem a leitura e posteriormente escrevessem as frases em uma folha de ofício em branco. No momento seguinte, começamos a intervenção, tendo em vista, o que pondera Coudry (1996) acerca da Neurolinguística Discursiva mediando e dando pistas como os comandos mencionados na metodologia acima.

**Figura 01: Dado de JV de 19 anos, 2019**



Frase construída por JV: NA SAPO  
VIVE O LAGOA.

Reescrita da frase: O SAPO VIVE NA  
LAGOA.

FONTE: autoras da pesquisa.

**Figura 1: Dado de RL de 14 anos, 2019**



Frase construída por RL: PULA  
PIPOCA A PANELA NA

Reescrita da frase: A PIPOCA PULA  
NA PANELA.

FONTE: autoras da pesquisa.

A ordem em que as palavras surgem em uma frase, no português brasileiro, é geralmente (SVO) Sujeito – Verbo – Objeto. Observamos os dados e vimos que os sujeitos não tiveram essa preocupação em classificar as palavras conforme sua categoria lexical e posteriormente em sintagmas. A formulação de frases com utilização de





determinadas regras, aparece com dificuldade para esses jovens com (SD), interferindo na ordenação e no sentido do que se quer dizer, por isso geralmente eles usam frases curtas interligadas ao aspecto morfológico da linguagem na tentativa de reformulação da palavra. Além disso, verificamos uma dificuldade para selecionar e combinar as palavras. Segundo Jakobson (1954), os sujeitos com (SD) funcionam no eixo da seleção e não fazem combinação e isso interfere mais na produção do que na compreensão, dessa forma, é possível o falante entender sem conseguir produzir, assim fica inviável exprimir oralmente ou por escrito o que não se compreende.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados expostos e das questões que nortearam esse trabalho, sobre as alterações linguísticas do sujeito com (SD) e suas implicações nas habilidades comunicativas, fica evidente que estes sujeitos apresentam defasagens consideráveis de desenvolvimento dos aspectos constitutivos da linguagem, mas com etapas similares às esperadas progressivamente. Entretanto necessitam da mediação do adulto para avançarem em seu processo de produção de frases para elaboração do discurso.

**PALAVRAS CHAVES:** Síndrome de Down; Construção Frasal; Linguagem.

## REFERÊNCIAS

COUDRY, M. I. H. Temas em Neuropsicologia e Neurolinguística. São Paulo: TecArt Editora, 1995. v. IV. 1, 1995.

GHIRELLO-PIRES, C. S. A.; LABIGALINI, A. P. V. Síndrome de Down: funcionamento e linguagem. In: COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P.; GHIRELLO-

PIRES, C. S. A. **A inter-relação fala, leitura e escrita em duas crianças com síndrome de Down.** Campinas. 2010. 130fls. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação.** Tradução de I. Blikstein e J. Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.

PUESCHEL, Siegfried (Org.). *Síndrome de Down: guia para pais e educadores.* Campinas: Papirus, 1983.

SCHWARTZMAN, J. S. Síndrome de Down. São Paulo: Mennon, 1999.

STRATFORD, Brian. **Down's syndrome: past, present and future a understanding and**





**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

positive guide for families, friend and professionals. London: Penguin Books, 1989.

VYGOTSKY, Lev Semionovic. Obras escogidas: fundamentos de defectologia. Madrid: Visor, 1997.



**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**